

Arqueologia Urbana e História Local

Actas do Encontro de Homenagem a Almeida Carvalho

Joaquina Soares (Coord.)

FÓRUM INTERMUSEUS DO DISTRITO DE SETÚBAL

FIDS

ALCÁCER DO SAL

Museu Municipal de Alcácer do Sal
Câmara Municipal de Alcácer
do Sal

SANTIAGO DO CACÉM

Museu Municipal de Santiago
do Cacém / Câmara Municipal de
Santiago do Cacém

ALCOCHETE

Museu Municipal de Alcochete
Câmara Municipal de Alcochete

AMRS/MAEDS

Associação de Municípios da Região
de Setúbal / Museu de Arqueologia e
Etnografia do Distrito de Setúbal

SEIXAL

Município do Seixal
Ecomuseu Municipal

ALMADA

Museu Municipal de Almada
Câmara Municipal de Almada

MOITA

Departamento de Acção
Sociocultural
Câmara Municipal da Moita

SESIMBRA

Museu Municipal de Sesimbra
Câmara Municipal de Sesimbra

BARREIRO

Serviços Culturais
Câmara Municipal do Barreiro

MONTIJO

Museu Municipal do Montijo
Câmara Municipal do Montijo

SETÚBAL

Museu Municipal de Setúbal
Câmara Municipal de Setúbal

GRÂNDOLA

Serviços Culturais
Câmara Municipal de Grândola

PALMELA

Museu Municipal de Palmela
Câmara Municipal de Palmela

SINES

Museu Municipal de Sines
Câmara Municipal de Sines

NOTA DE ABERTURA

Com a presente publicação, comemorativa do II centenário do nascimento de João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897), abre-se mais uma larga janela sobre a Arqueologia e História da nossa Região.

Almeida Carvalho deixou um extenso legado de Apontamentos sobre a História de Setúbal, hoje no Arquivo Distrital de Setúbal, cujos documentos originais viriam a perder-se no incêndio dos Paços de Concelho, de 1910. A sua preocupação com o registo da memória colectiva da cidade onde nasceu levá-lo-ia também a atravessar o Sado e a procurar sob as dunas de Tróia um Passado mais longínquo, a cidade de filiação romana.

Ser-me-ia impossível nesta breve nota dar uma ideia, mesmo que resumida, da vida e obra do homenageado, que Setúbal e a Região puderam revisitar através de variada e extensa programação cultural planeada e concretizada desde 11 de Março de 2017 a 9 de Março de 2018 e na qual a Associação de Municípios da Região de Setúbal desempenhou um papel relevante através do seu museu.

Congratulamo-nos, pois, pela activa participação do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), em parceria com um variado conjunto de organismos públicos como a Câmara Municipal de Setúbal, a União de Freguesias de Setúbal, Junta de Freguesia de S. Sebastião, Arquivo Distrital de Setúbal, e associações culturais como a Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão e a Universidade Sénior de Setúbal.

Actualizar a informação, produzir conhecimento e divulgá-lo é sem dúvida a forma mais nobre de cuidarmos do nosso património, mas também uma via indispensável para a construção do desenvolvimento integrado da nossa Região.

Rui Garcia

(Presidente do Conselho Directivo da Associação
de Municípios da Região de Setúbal)

FICHA TÉCNICA

Edição

Associação de Municípios da Região de Setúbal (AMRS)
Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)
Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal (FIDS)

Direcção

Rui Garcia (Presidente do Conselho Directivo da AMRS)

Coordenação Editorial

Joaquina Soares

Conselho Científico

António Nabais
Carlos Marques da Silva
Carlos Tavares da Silva
João Luís Cardoso
Mário Varela Gomes
Victor S. Gonçalves
Vitor Serrão

Conselho Redatorial

Antónia Coelho-Soares
Elsa Afonso
Fátima Afonso
Fernanda Pinho
Fernanda do Vale
João Ventura
Luís Pequito
Lurdes Lopes
Maria Ana Judas
Marisol Ferreira
Michelle Santos
Miguel Correia
Sandra Coelho
Susana Duarte
Vitor Mestre

Secretariado e correspondência

Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal
Avenida Luisa Todi, 162 2900-451 Setúbal (Portugal)
Tel.: +351 265 239 265 / +351 939 553 004
E-mail: maeds@amrs.pt
Site: www.maeds.amrs.pt
Blog: www.maedseventosactividades.blogspot.com
Copyright - Direitos reservados pelos autores e MAEDS.
Interdita a reprodução de imagens.

Capa

“Natureza Morta” (garrafaria do séc. XVIII). Foto de Rosa Nunes.

Execução gráfica

Ana Castela
Paula Covas

Impressão e acabamento

Tipografia Belgráfica

Depósito Legal

450333/18

ISSN

1645-0553

Tiragem

300 exemplares
Disponível online em: <http://maeds.amrs.pt/musa.html>

Setúbal, 2018

EDITORIAL

ARQUEOLOGIA E HISTÓRIA. AINDA O LEITO COMUM?

O presente volume de *Musa: Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios* afasta-se formalmente, mas não na temática, do modelo até agora seguido. Nele se publicam as Actas do Encontro sobre *Arqueologia Urbana e História Local* de Homenagem ao Historiador e Arqueólogo João Carlos de Almeida Carvalho (1817-1897).

As actas celebram a memória de uma personalidade relevante, e renovam a aliança entre Arqueologia e História, assumindo, porém, o corte epistemológico com a tradicional subalternidade da primeira disciplina em relação à segunda. Ambos os domínios convivem agora em fraterna paridade.

Como é do conhecimento geral, a Arqueologia científica radicou as suas origens na Geologia, em Portugal no seio da Comissão Geológica, fundada em 1857 e muito particularmente nos trabalhos de Carlos Ribeiro, a quem se devem, na nossa região, a primeira carta geológica e as primeiras escavações na necrópole pré-histórica de hipogeus da Quinta do Anjo.

Carlos Ribeiro assumiu claramente estatura internacional ao liderar a reunião em Lisboa do IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-históricas em 1880.

Porém, sobretudo entre 1930 e o final da década de 1960, a Arqueologia viria a subordinar-se à História. Após a revolução democrática de 25 de Abril/74 e a institucionalização da Arqueologia como domínio autónomo, com licenciatura própria, este campo disciplinar criou alianças estratégicas com as chamadas arqueociências (ciências da natureza, física, química, genética)¹.

Superada a etapa de estagnação historicista, a Arqueologia soube, sem complexos de menoridade, ombrear “fraternalmente” com a História no estudo das sociedades humanas e suas temporalidades. Ultrapassou mesmo a sua

dedicação aos períodos de sua “exclusiva” responsabilidade ou quase (Pré-história, Proto-história e Antiguidade Clássica), para se debruçar sobre as sociedades medievais, modernas e contemporâneas. E perante algum questionamento sobre o interesse da Arqueologia da contemporaneidade, há autores que defendem uma Arqueologia contemporânea de compromisso ético: *Archaeology has a new ethical commitment: to recover evidence of the existence of the victims not just for therapeutic and juridical reasons, but for historical reasons as well. We cannot return them to life, but we can reintegrate them to the time of history from which they were expelled*” (González-Ruibal, 2016, p. 19)²

Recorrendo ao conceito-chave, específico da Arqueologia, de *tempo dos materiais* e à ideia de *heterocronologia*³, indispensável à compreensão da sobremodernidade que habitamos, vão perdendo sentido as fronteiras impostas pelas rígidas comportas que pretendem separar a Arqueologia pré-histórica da histórica ou da contemporânea; o acento tónico coloca-se no pensamento e acção arqueologicamente informados, porque na realidade trabalhamos dentro de um tempo múltiplo, desafiando ou desconstruindo realidades sociais que nos antecederam, complexas e também elas multitemporais.

Semelhante reflexão tem ocorrido na História⁴; o alargamento das suas fontes e temáticas, através de caminhos tradicionalmente pouco pisados, como a imprensa periódica ou os relatos orais de experiências vividas, ficam bem expressos neste volume.

Finalmente, na sua diversidade, a presente publicação homenageia justamente um dos mais ecléticos criadores intelectuais setubalenses de oitocentos, João Carlos d'Almeida Carvalho, cujas obra e actividade cívica continuam, volvidos quase duzentos anos, a inspirar as concepções humanistas dos nossos dias.

Joaquina Soares

(Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal)

1 - Ver a propósito: Martín-Torres, M.; Killick, D. (2015) - Archaeological Theories and Archaeological Sciences. In A. Gardner; M. Lake; U. Sommer (eds.), *The Oxford Handbook of Archaeological Theory*.

2 - González-Ruibal, A. (2016) - Archaeology and the Time of Modernity. *Historical Archaeology* 50(3), p. 144-164.

3 - Leduc, J. (1999) - *Les historiens et le temps*. Paris: Seuil.

4 - Le Goff, J. (2014) - *Faut-il vraiment découper l'histoire en tranches?* Paris: Seuil.

ÍNDICE

Nota de Abertura	03
Rui Garcia	
Editorial	05
Joaquina Soares	
No II Centenário do Nascimento de João Carlos D’Almeida Carvalho (1817-1897)	08
Horácio Pena	
Arqueologia Urbana e História Local	16
Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34	17
Carlos Tavares da Silva, Antónia Coelho-Soares, Susana Duarte	
Cerâmicas de paredes finas de <i>Salacia Urbs Imperatoria</i>. Recolhas de prospeção arqueológica	39
Eurico Sepúlveda, Catarina Bolila, Marisol Ferreira	
Fortificação Medieval de Setúbal. Identificação do núcleo defensivo da Ribeira ou “Castelo”	51
Joaquina Soares, Teresa Rita Pereira, Susana Duarte, Carlos Mouro	
Arqueologia urbana e o sismo de 1755. O contexto da Av. Luísa Todi, 170-178, Setúbal	79
Joaquina Soares, Susana Duarte, Carlos Tavares da Silva	
Silos de Francos e Portugueses em Vila Verde dos Francos – Alenquer	101
Guilherme Cardoso, Luísa Batalha	

O mundo numa casa. As importações no Espaço Cidadão (Palmela)	115	Atentado a Almeida Carvalho. (31 de agosto de 1855)	199
João Nunes, Eduardo Porfírio, Michelle Teixeira Santos		Albérico Afonso, Carlos Mouro	
O “Tombo da Câmara de Palmela” (séculos XIV-XIX). Da arqueologia dos documentos à arqueologia a partir dos documentos - um contributo de João Carlos de Almeida Carvalho	129	Fran Paxeco em Sesimbra	213
João Costa		João Augusto Aldeia	
Do cerimonial religioso ao aparato régio: o contributo de Almeida Carvalho para o estudo das celebrações em Setúbal na Época Moderna	141	A indústria de conservas de peixe em Setúbal durante a Grande Guerra (1914-1918): necessidades externas e ilusões transitórias	219
Maria João Pereira Coutinho		Diogo Ferreira	
A Roda dos Enjeitados	151	Notas sobre a indústria de curtumes setubalense	233
Rogério Palma Rodrigues		Carlos Mouro	
Referências literárias em acontecimentos, lendas e tradições da região setubalense, de João Carlos de Almeida Carvalho	163	Antigas Quintas de Setúbal – Espaços Físicos e Sociais	245
Fátima Ribeiro de Medeiros		Pedro Fernandes	
Estado liberal e poder municipal: Almeida Carvalho e a reforma político-administrativa de 1855	179	A Importância da Memória Viva no Estudo da História Local. Uma Proposta para a sua Preservação	253
Ernesto Castro Leal		Pedro Fernandes	
O feriado municipal e a memória colectiva setubalense	187	Centenários Bocagianos, momentos de homenagem a um poeta singular (sécs. XIX-XX)	261
Carlos Mouro, Horácio Pena		António Chitas	
		“Hoje ninguém trabalha!” – Resistência operária no concelho do Seixal em 1943	271
		Fátima Afonso, Fernanda Ferreira	

Cerâmicas de paredes finas de *Salacia Urbs Imperatoria* Recolhas de prospeção arqueológica

Salacia Urbs Imperatoria – The thin walled pottery. Archaeological field works assets

Eurico de Sepúlveda*
Catarina Bolila**
Marisol Ferreira***

RESUMO

Atendendo à importância de *Salacia* já em época sidérica, os movimentos comerciais com esta cidade, situada no rio Sado, conheceram um crescimento acentuado durante a romanização. Os autores, recorrendo preferencialmente aos espólios estudados, e publicados, de cerâmica campaniense e *terra sigillata*, pretendem deste modo apresentar um estudo sobre as cerâmicas de paredes finas coevas, originadas em importações, quer itálicas quer ibéricas, que servirão para acentuar a importância “político-administrativa, económica, social e religiosa” desta cidade, como pode ser comprovado pela cunhagem de moeda, pelas exportações de lãs e minerais, indicadas em relatos da época, tal como por famílias que ocuparam posições de relevo durante o Império.

O espólio obtido provém de prospeções efetuadas em Alcácer do Sal, em zonas circundantes ao Castelo, nomeadamente da encosta ocidental (LOCAS) e do chamado Depósito de Água.

Palavras-chave: Alcácer do Sal; Acrópole; Época Romana; Cerâmica de paredes finas; Comércio.

ABSTRACT

The authors present a study related to thin walled pottery, which arrived in Salacia from the ceramic workshops located in Italy and the Roman provinces of *Lusitania* and *Bætica*. The importance of the city, since the Iron Age, is well confirmed by the issue of coinage (a mint), exports of fine wools and minerals. The archaeological surveys took place in the Castle’s neighbour area, mainly in the western slope (LOCAS) and in the Water Tower/Reservoir.

Keywords: Alcácer do Sal; Acropolis; Roman times; Thinned wall pottery; Commerce.

INTRODUÇÃO

A cidade de Alcácer do Sal, fica situada na margem direita do rio Sado aproximadamente a 50 km a sul de Setúbal. Referenciada na antiguidade por autores gregos e latinos, como sejam Estrabão, Plínio-o-Velho e Ptolomeu pela sua importância económica entre as várias cidades (*opidda*) da Península Ibérica, conhece,

* - Associação Cultural de Cascais.

** - Instituto de Arqueologia e Paleociências – Universidade Nova de Lisboa.

*** - Câmara Municipal de Alcácer do Sal.



Fig. 1 - Localização da *Salacia Urbs Impertatoria* na Península Ibérica; sector Ocidental de Alcácer do Sal; sítio arqueológico do Depósito de Água. Escavações do MAEDS (Tavares da Silva *et al.*, 1980-81).

em época romana, uma grande expansão económica e comercial, durante o período que vai desde meados do séc. II a.C. até aos meados/ finais do séc. I d.C. testemunhada pelos espólios referentes a importações de vários tipos compensadas com exportações de lãs, (referidas por Estrabão e Plínio), do sal, de derivados de produtos piscícolas como sejam o *garum* o *liquamen* e a *muria*, a que correspondeu uma atividade oleira intensa (Pimenta *et al.*, 2015) e da exportação de minerais explorados nas minas localizadas em Santa Susana (Alcácer do Sal), de *Vipasca* (Aljustrel) e da Caveira (Grândola).

No que diz respeito ao conjunto que iremos apresentar, este é constituído por 530 fragmentos¹ de cerâmica de paredes finas, que depois de colagens deram lugar a 205 NMI, pertencentes a produções com cronologias republicanas, de inícios do Império e de finais

dos Flávios. Este último limite cronológico foi obtido a partir da existência de importações com origem nas províncias hispânicas da *Lusitania*, da *Baetica* e da *Tarraconensis*, que são bastante diminutas em relação às importações provenientes da Península Itálica, encontrando-se ausentes as provenientes da Gália. Como motivo para esta ausência gaulesa, propomos, como fator principal, o abastecimento destes vasos, não terem acompanhado o da *terra sigillata* sudgálica, tornando-se mesmo raros em quase todos os espólios do atual território português, com exceção para um fragmento de Conimbriga, uma taça de Beja (Mayet, 1975) e dois fragmentos de Braga (Morais, 2005).

Durante a conceção deste trabalho foram consultadas várias tipologias formais, referentes a estas cerâmicas finas, tendo sido feita ainda uma procura exaustiva de

paralelos em cidades romanas de importância comercial equivalente a *Salacia Imperatoria*, como sejam, *Bracara Augusta*, *Conimbriga*, *Scallabis*, *Olisipo* e da ocupação romana do Castelo da Lousa.

O ESTUDO DO ESPÓLIO

A elaboração deste estudo reconheceu, ao longo do mesmo, grandes dificuldades pelas características dos fragmentos, de tamanho por vezes bastante diminuto, o que representou um trabalho extra de laboratório na procura de peças que poderiam pertencer a um mesmo vaso.

Este espólio foi obtido em recolhas de superfície, logo, sem estratigrafia, em vários sítios da cidade como sejam: no Lado Ocidental do Castelo; nas recolhas de limpeza do sítio arqueológico intervencionado por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, em 1976; na rua da Torre e na necrópole de S. Francisco, o que tornou complicada a apresentação de cronologias assertivas, motivo por que optámos por recorrer à apresentação de dia-cronias baseadas nas tipologias usadas tradicionalmente para esta cerâmica de Marabini Moevs (1973), Mayet (1975), Ricci (1985), López Mullor (1990), Passelac (1993) e Rodríguez Martín (1996).

O conjunto é principalmente resultado de um comércio continuado de circuitos mediterrânicos utilizados em época sidérica provenientes da Península Itálica que abasteciam a cidade de *Salacia Imperatoria* com cerâmicas de paredes finas, tendo estas uma origem nas regiões produtoras da Campânia e Etrúria, sendo mais tarde substituídas pelas importações, em escala mais reduzida (?), de vasos originados nas produções cerâmicas das olarias da Lusitânia (Mérida) e das da província da Bética donde provêm trinta e três fragmentos.

A fim de permitir uma melhor análise do estudo que nos propusemos fazer, utilizámos como norma definidora a divisão dos fragmentos em três grupos, o dos copos², o das taças e o das bases, que permitiram a obtenção dos NMI indicados, e por fim um denominado de “outros” constituído por fragmentos de paredes sem conexão.

Quadro 1 - Distribuição dos fragmentos por formas e suas percentagens.

Formas	Nº de fragmentos	%
Copo	89	16.79
Taça	44	8.30
Bases	83	15.66
Outros	314	59.25
Totais	530	100.00

A partir desta divisão foi elaborado o Quadro 1 (*supra*), em que verificamos ser o grupo dos “outros” que constitui mais de metade dos fragmentos exumados (59.25%), logo seguidos dos copos e das bases (16.79 e 15.66, respetivamente) aparecendo, com a percentagem mais baixa, o grupo das taças (8.30%), resultado que se justifica pela própria constituição do espólio, onde o peso das importações itálicas, de épocas republicana e augustana/tiberiana, é fundamental com vasos cuja morfologia dos bordos, de perfis côncavos e de lábios convexos, por vezes, não obstante, de forma lanceolada, caso da forma Mayet VIII, se tornavam mais resistentes à quebra, em detrimento dos bordos das taças. Para além de aceitarmos esta explicação morfológica, haverá uma outra possibilidade que achamos bastante plausível, a qual se baseia na decoração que apresentam estas taças, tornando-se assim “mais apelativas à vista” e, logo, mais facilmente “cobiçadas” pelo visitante que sempre se “interessou” pela arqueologia de Alcácer do Sal e que “se cruzou com elas” ao longo dos tempos.

ORIGEM DAS CERÂMICAS DE PAREDES FINAS

Qualquer análise moderna sobre um espólio cerâmico exumado num sítio arqueológico com ocupação romana tem como obrigatoriedade o estudo das pastas tendo em conta os componentes que as constituem.

No caso presente iremos ultrapassar esta necessidade através da morfologia das peças atendendo ao número

vasto de pequenos fragmentos que o constituem, o que levaria a uma grande variedade de tipos de pastas, tornando-se pouco viável, pois implicaria sempre uma futura alteração no seu número, como tem acontecido em vários casos que são de conhecimento geral. Assim, recorreremos à inserção dos NMI nas tipologias até ao momento utilizadas, as quais se baseiam no número de ocorrências encontradas em intervenções efetuadas em sítios arqueológicos do mundo romano privilegiando a origem dos mesmos, quer na Península Itálica, quer nas províncias da *Galia*, da *Tarraconensis*, da *Lusitania* e da *Bætica*.

A PRODUÇÃO ITÁLICA

Começaremos pelos centros produtores itálicos, que foram estudados por Ricci (1985) e que apresenta seis centros oleiros principais, estendendo-se desde o norte até ao sul da Península Itálica. Iremos apenas enumerar os que estarão diretamente relacionados com as importações encontradas em *Salacia Imperatoria* e que constituem, alguns deles como iremos verificar no Quadro 2 – os centros abastecedores por excelência – para o desenvolvimento do comércio destas cerâmicas em épocas Republicana e Augusta.

O primeiro centro produtor localiza-se na Etrúria, que se focalizou essencialmente na produção de vários tipos de copos (1/1; 1/7; 1/19; 1/79; 1/97; 1/122; 1/53; 1/59 e 1/12), em detrimento das taças de que apenas se conhece o tipo 2/210.

Outros dois centros oleiros estão localizados na região centro-itálica, um, na região de Roma, e o outro, na área do porto de Óstia, enquanto um terceiro se situa na parte mais oriental. As suas produções são constituídas por copos das variantes 1/30 e 1/122, respetivamente.

Por fim os restantes três centros oleiros encontram-se diametralmente opostos, ou seja, um, a sul na ilha da Sicília, sendo a produção das olarias de Siracusa certamente focada para consumos regionais, mas também com uma forte vertente dedicada à exportação, com um repertório que apresenta um leque variado de vasos em que se sobressaem seis tipos de copos contra dois

de taças. Os outros dois têm origem no norte da Itália, na região padana, com olarias espalhadas ao longo do Pó, desde o centro-ocidental até ao Adriático, com uma atividade deveras profícua.

AS PRODUÇÕES DA PENÍNSULA IBÉRICA

Com o desenrolar dos tempos, o mercado de abastecimento de cerâmica de paredes finas na *Hispania* conhece uma mudança fundamental no que diz respeito às importações itálicas, que são paulatinamente substituídas por produções das olarias ibéricas situadas nas províncias romanas da *Tarraconensis*, da *Baetica* e da *Lusitania*. O período cronológico em que tal acontece decorre entre os finais dos principados de Tibério e Calígula, motivado pela “falência” do abastecimento destas cerâmicas, que desaparecem dos mercados abastecedores situados na Península Itálica, pela oferta de vasos em vidro em consequência da produção destes se tornar cada vez mais barata, o que leva mesmo Estrabão a reconhecer/informar que “... a [glass] drinking cup could be bought for a copper coin” (*apud* Fleming, 1999), tendo como resultado o final que apontámos para a produção dos vasos destinados a ingerir líquidos em cerâmica.

Um papel deveras importante é jogado pela utilização de uma técnica inovadora na produção do vidro – a da cana do sopro – que representou uma viragem para uma oferta mais variada e muito mais económica no leque dos produtos finais oferecidos nos mercados espalhados por todo o Império.

No entanto, é durante o principado de Cláudio que se verifica uma resposta/aproveitamento, por parte das unidades oleiras existentes nas províncias romanas da *Hispania*, que irá colmatar, com êxito, esta falta de abastecimento, inundando os mercados com cerâmicas de paredes finas com origem nas olarias tradicionais da Bética e da Lusitânia. Este “boom” é continuado pelo principado de Nero, só terminando em finais do séc. I d.C., devido a alterações económicas de vários tipos, como sejam, por exemplo para a Catalunha com a “... crisis no sector agrario” (López Mullor, 1990) e com o

início do abastecimento dos mercados espalhados por todas as províncias do Império, por cerâmicas finas de mesa, e não só, oriundas das olarias do Norte de África.

Passaremos seguidamente a uma pequena resenha das produções ibéricas começando pelas produções da Tarraconense.

A localização geográfica desta província, tendo sido sempre uma das primeiras escalas do comércio marítimo entre o Mediterrâneo e a Península Ibérica, foi extremamente propícia às importações com origem na Península Itálica de cerâmicas de paredes finas, e não só, e à exportação ibérica, testemunhadas pelos espólios obtidos em vários naufrágios, como sejam, por exemplo, os de Port-Vendres (Colls *et al.*, 1977) e de um dos vários ocorridos no cabo Culip conhecido como Culip IV (Nieto, 1986). Não será, pois, de estranhar que as olarias insulares situadas nas Baleares, em época republicana, tivessem sido as primeiras a copiar proficuamente os modelos itálicos, abastecendo assim os mercados hispânicos do continente.

A expansão romana por toda a orla marítima e pelo interior da *Citerior* proporcionou a que cidades como Ampúrias, Tarragona e zonas circum-vizinhas tenham desenvolvido a produção oleira tradicional privilegiando a cópia desses protótipos itálicos.

Por sua vez, na Lusitânia, são várias as olarias localizadas nesta província que aproveitam esta escassez nos mercados de importação de cerâmicas de paredes finas para desenvolverem uma produção local dos vasos *potoria*, imitando, primeiro, protótipos itálicos, e criando novos modelos que conhecem grande popularidade por toda a província, aos quais são aplicados as mesmas técnicas de produção. Estão incluídas neste grupo as olarias de *Augusta Emerita* que fabricaram um vasto leque de copos, taças e contentores destinados ao serviço de mesa, embora caracterizadas por um aumento da espessura das paredes.

Para além deste centro oleiro há que referenciar os de Braga, Elvas (Martín Hernández & Rodríguez Martín, 2008) e os de imitação, por vezes de boa execução, da olaria do Morraçal da Ajuda – Peniche

(Sepúlveda *et al.*, 2017).

Já a produção da Bética conhece dificuldades no encontrar testemunhos arqueológicos da produção destas cerâmicas, o que vai implicar, de um modo geral, que se considere ser a zona do baixo e médio Guadalquivir a região privilegiada para a sua produção, como sejam o caso de Córdova (?), Rio Tinto, Cádiz e também o das olarias de produção de *terra sigillata* de Andújar (Jaén).

Cópias de vasos de cronologias augustanas constam, também, da panóplia constituída por uma variedade de outras formas, dentro dos padrões clássicos, distinguindo-se pela sua técnica de fabrico as taças de forma carenada apelidadas por Mayet de “coquille d’oeuf”, forma XXXIV, possivelmente de uma olaria situada na área de Cádiz, com diacronias dos finais de Tibério a Nero (López Mullor, 1990).

O CONSUMO DE CERÂMICAS DE PAREDES FINAS EM SALACIA

O próximo quadro analisa a panóplia de formas e o número total apurado para cada uma delas assim como as diacronias e locais de produção tendo como base preferencial a tipologia de Mayet (1975) e, quando não aplicável, as de Marabini Moevs (1973) e Ricci (1985).

Como nota prévia queremos alertar que a criação deste quadro em que se analisaram duas formas distintas, os copos e as taças, se tentou resolver problemas de terminologia, que tínhamos já verificado aquando da elaboração do Quadro 1, agora de forma mais complexa na medida em que recorreremos a tipologias de autores escritas em espanhol, francês e italiano, cuja tradução para o português se torna deveras complicada, escolhendo assim como base o trabalho de A. Ricci (1985).

A primeira conclusão a realçar é a aparente igualdade numérica entre formas “definidas” e indeterminadas. Esta está baseada na contabilização dos fundos, aos quais de forma consciente não quisemos, salvo várias exceções, atribuir uma das formas, atendendo que os tamanhos medidos, quer em altura, quer em diâmetros, nos levariam a erros maiores.

Quadro 2 – Formas, tipologias, NMI, cronologias e locais de produção do espólio de *Salacia Urbs Imperatoria*.

a) Soma das bases com vasos de difícil atribuição tipológica.

Formas	Tipos	NMI	Cronologia	Local de produção
Copos	Mayet II	22	-150/Augusto	Etrúria
	Mayet III	13	-75/Augusto	Etrúria
	Mayet IV	2	-75/Augusto-Nero	Baleares
	Mayet VIII	20	-50/Augusto	Etrúria
	Mayet XII	2	-25/50	?
	Mayet XIII	1	1/50 d.C.	Etrúria
	Mayet XIV	2	Época augusta	Etrúria
	Mayet XVI	2	Época augusta	Baleares
	Mayet XXIV	1	-15/Nero	Baleares
	Mayet XXXVI	1	10/70 d.C.	Bética
	Marabini VIII	1	Época augusta	Etrúria
	Ricci 1/111	1	<79 d.C.	Campânia
	Ricci 1/158	1	Finais da República/ inícios de Tibério	Etrúria/Lácio
	Ricci 1/165	1	Augusto/Tibério	Centro itálica
Taças	Mayet X	12	-50/Augusto	Etrúria
	Mayet XVIII	1	10/75 d.C.	<i>Tarraco</i> (?)
	Mayet XXI	6	Augusto/Tibério	Ibiza
	Mayet XXX	2	Augusto/Flávios	Itália central
	Mayet XXXIII	2	-10/30 d.C.	Itália central
	Mayet XXXVII	2	25/90 d.C.	Bética
	Mayet XLII	1	25/90 d.C.	Bética
	Mayet XLIII	2	50/100 d.C.	Mérida
	Ricci 2/196	1	(?)	(?)
	Ricci 2/279	1	Tibério/Nero (?)	Bética (?)
Indeterminadas		105 ^(a)	-	-
Total		205	-	-

Cronologicamente o período de maior intensidade de trocas comerciais desta cerâmica fina de mesa destinada ao consumo de líquidos, entre as províncias do Império e *Salacia Imperatoria*, verifica-se em épocas republicana e augustana, com importação de vários tipos de copos oriundos preferencialmente da Etrúria. Em termos numéricos, as quantidades apuradas são pouco significativas para a sua fase de declínio, sendo visíveis a partir de Tibério e, de forma “natural”, com o

fim da produção de origem nas olarias emeritenses e da Bética, em época Flávia.

AS DECORAÇÕES

O estudo das decorações teve como finalidade poder verificar a evolução das mesmas, conhecer as que foram mais utilizadas pelos oleiros do mundo romano, compreender os gostos e preferências do consumidor e, conseqüentemente, as adaptações a que os oleiros

estiveram sujeitos, para além de um papel adicional como elemento datante.

Do espólio obtido em Alcácer do Sal encontrámos os três tipos fundamentais de decoração – a incisa, a arenosa e a aplicação da técnica da barbotina.

Destas, apenas destacamos a aplicação de uma fiada de mamilos alongados efetuados com barbotina branca, não abundantes em espólios estudados para o atual território, num fragmento de parede de taça que poderá pertencer a uma forma Mayet XXXII (1975: 66, n.ºs 248 e 249) e que terá tido como possível local de produção uma olaria, questionável, localizada na cidade de *Calagurris* (Minguez Morales, 2016), na província da Tarraconense, e um pequeno fragmento decorado com diminutos triângulos incisivos colocados de maneira aleatória, que nos levam a pensar pertencer a produções possivelmente da Bética, atendendo à pasta e ao engobe.

Deste espólio consta também um conjunto com um total de dezasseis fragmentos de fundos, de paredes, e de três bordos de taças, de pastas arenosas e cozidas em atmosferas redutoras, ou em oxidantes com arrefecimento oxidante, em que a concentração dos grãos de areia é de tal maneira abundante que funciona como uma verdadeira decoração³. Em Peniche (Sepúlveda *et al.*, 2017) estudámos exemplares idênticos aos encontrados em *Salacia*, muito embora já estivéssemos familiarizados com produções idênticas provenientes de Tróia (Setúbal).

COMPARAÇÃO COM OUTROS ARQUEOSSÍTIOS NO TERRITÓRIO ATUALMENTE PORTUGUÊS

Com o Quadro 3 iremos comparar os consumos, através da relação percentual entre os valores totais dos NMI e do número de fragmentos do espólio exumado em *Salacia Imperatoria*, com outros sítios romanos com cronologias idênticas e cujos estudos já foram publicados utilizando como nosso critério a importância administrativa dos sítios, como seja a de sede de *conventus* para Santarém e Braga e de um posto de vigia

militar, tipo *castellum*, para o Castelo da Lousa, cuja funcionalidade tem merecido forte polémica, dado não ser despidendo tratar-se, na realidade, de uma “quinta fortificada” (Alarcão *et al.*, 2010)⁴.

A partir das informações que este quadro nos oferece, verificamos, em primeiro lugar, ser, sem dúvida, o espólio obtido na intervenção arqueológica levada a cabo na Alcáçova de Santarém, o que maior número de fragmentos apresenta, correspondendo-lhe, no entanto, uma fraca percentagem de NMI que achamos bastante diminuta quando comparados com as percentagens de Braga e do Castelo da Lousa, embora em relação a este último sítio arqueológico tal possa ser certamente justificado pelas várias ocupações por que passou uma cidade como Santarém, ao longo dos tempos, e que trouxeram miríades de alterações/reestruturações urbanas.

Para a cidade de *Salacia Imperatoria* os mesmos cálculos efetuados revelam – embora se reconheça a falta de outros espólios como os encontrados na intervenção arqueológica do Convento de Aracæli e de outras coleções – ser o segundo montante mais importante com fragmentos exumados/encontrados, a que corresponde uma percentagem não muito longe dos quarenta por cento.

Pensamos ter um peso com valor significativo para esta alta percentagem, o facto de ser alicerçada em tipos morfológicos mais robustos dos vasos com dia-cronias altas de épocas republicana e augusta, como se pode verificar pela presença importante que apresentam no Quadro 2, assim como, certamente, num poder económico pujante e focalizado numa importação de produções forâneas de tipos “modernos”, bem apoiada numa política de trocas proporcionada por uma “veia cosmopolita” da cidade.

A análise aos dados obtidos para Braga, os quais não incorporam as cópias de produção local (Morais, 2005), incluem peças exumadas em vários sítios arqueológicos da cidade, que nos levam a concluir que os exemplares a que correspondem formas classificáveis são em número excepcional, quando comparados

Quadro 3 – Fragmentos, NMI e percentagens: Alcácer do Sal; Alcáçova de Santarém; Braga e Castelo da Lousa.

(a) Sepúlveda *et al* (2003) e Sepúlveda e Bolila (2018); (b) Arruda e Sousa (2003); (c) Morais (2005); (d) Morais (2010). (*) NMI/Fragmentos.

Sítios arqueológicos	Nº fragmentos	NMI	NMI/Nº frag. %
Alcácer do Sal ^(a)	530	205	38,68
Alcáçova de Santarém ^(b)	704	182	25,4
Braga ^(c)	235	152	64,7
Castelo da Lousa ^(d)	224	118	52,7

com os espólios dos outros locais de ocupação romana coeva que escolhemos para analisar, logo daí ser a sua percentagem a mais alta do quadro que apresentamos.

Parece, assim, que as várias transformações que ocorreram ao longo dos tempos históricos na cidade, não alteraram os depósitos arqueológicos romanos de Augusto a finais dos Flávios.

Por fim, o Castelo da Lousa, tendo como base uma ocupação romana que se estende desde “...meados do séc. I a.C. e abandonado na época de Augusto” (Alarcão *et al.*, 2010), apresenta a segunda percentagem mais elevada, certamente alicerçada num melhor estado do espólio, motivado por um abandono deveras prematuro, o qual veio a oferecer a possibilidade de se ter efetuado um estudo tão coerente tipologicamente e bem balizado cronologicamente.

CONCLUSÕES

Não terminaremos sem tecer algumas conclusões breves que resultam de mais um estudo de um espólio cerâmico importante para compreender a vida económica da cidade romana de Alcácer do Sal, num intervalo cronológico que se estende desde 150 a.C. até finais dos Flávios.

Destacamos, em primeiro lugar, a premente necessidade de se proceder ao estudo dos espólios deste tipo cerâmico de mesa, exumados durante as escavações levadas a cabo nos anos da transformação do Convento de Aracæli em Pousada e que continua sem ser efetuado. Assim, seria possível a obtenção de datações mais finas, quando enquadradas em espólios de

contextos arqueológicos bem definidos.

Mesmo assim, os fragmentos encontrados são testemunho de um intenso comércio destas cerâmicas com a Península Itálica, mantendo-se, portanto, os mesmos fluxos abastecedores mediterrânicos utilizados em época sidérica e que chegavam até *Salacia Urbs Imperatoria*, tendo como origem as regiões produtoras da Campânia e Etrúria, como já várias vezes o afirmámos ao longo do texto.

As técnicas de produção testemunhadas pelos fragmentos apresentam as seguintes características: quanto à sua espessura, vasos que mal ultrapassavam o milímetro, enquanto outros atingem os 3,5 mm; as pastas bicolores estão presentes em vasos de diacronias republicanas e da época de Augusto, sendo rara a variante de pasta do “tipo sandwich”; cozeduras maioritariamente oxidantes em detrimento das redutoras, verificando-se também o testemunho de empilhamento de peças através de paredes externas bicolores.

As importações e consumos efetuados de vasos típicos das olarias localizadas na capital da província, Mérida, foram quantificados em número muito reduzido, caso que consideramos anómalo atendendo ao que normalmente se encontra em outros sítios arqueológicos com ocupação romana do atual território português, o mesmo acontecendo para os fragmentos decorados exumados com origem na província romana da Bética, que não ultrapassam as duas dezenas.

Comentamos se não será este dado indicador de uma certa perda de importância da posição comercial privilegiada da cidade, durante a época republicana, principados de Augusto e Tibério/Cláudio, em favor

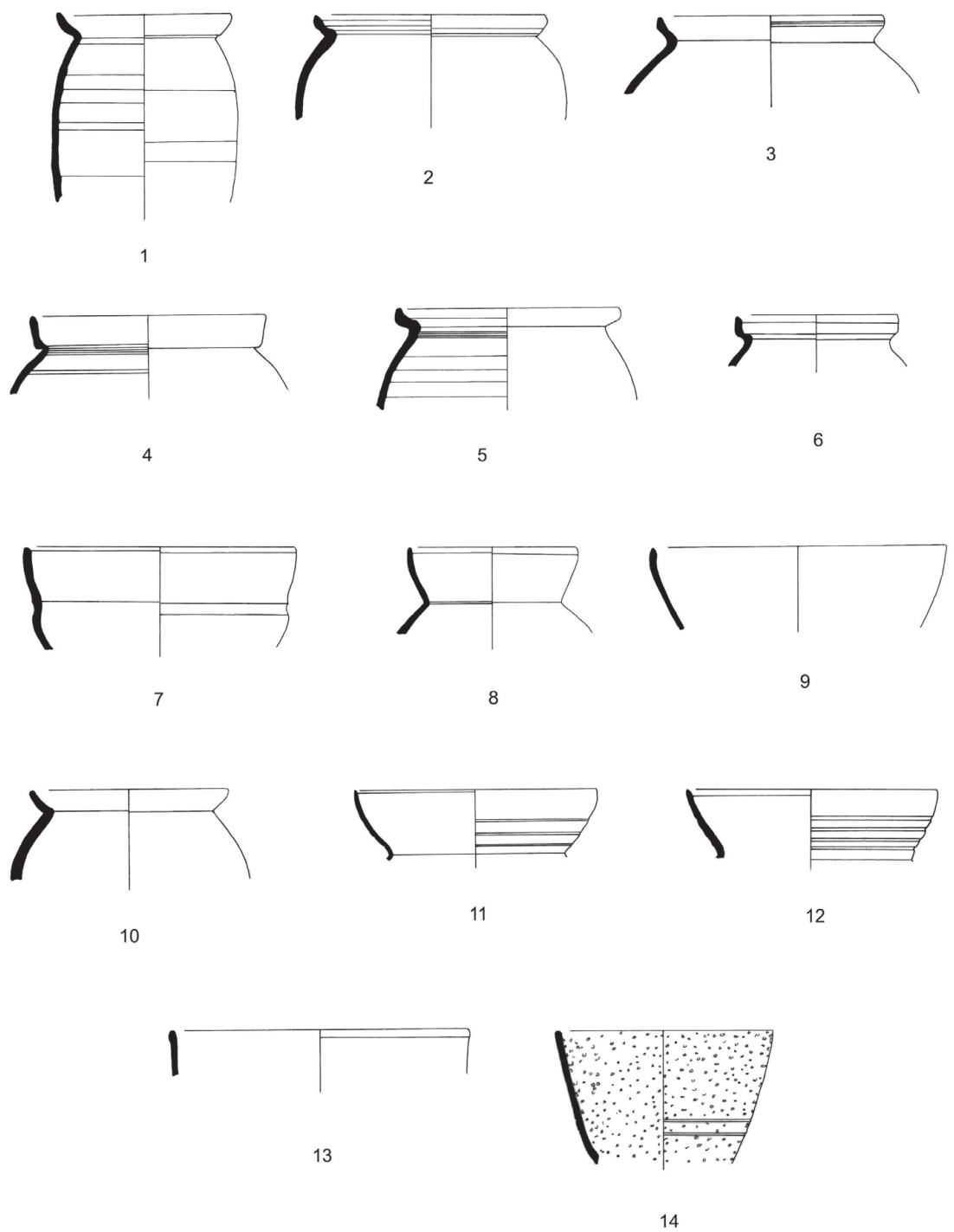


Fig. 2 - Selecção de cerâmica de paredes finas do conjunto estudado: Mayet II: 1-3; Mayet III: 4; Mayet IV: 5-6; Mayet VIII: 7-9; Mayet X: 10-12; Mayet XII: 13; Mayet XIII: 14.

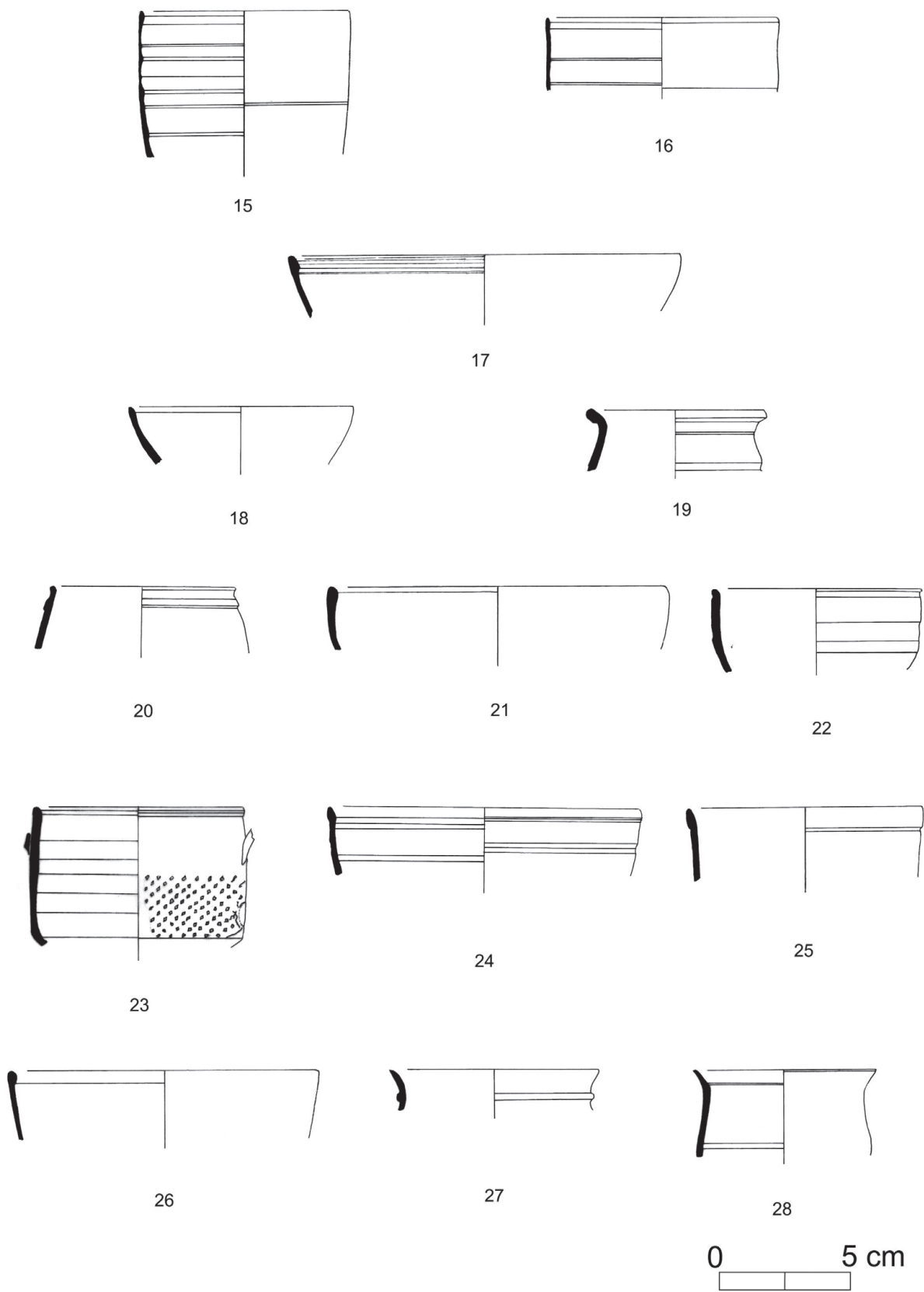


Fig. 3 - Seleção de cerâmica de paredes finas do conjunto estudado: Mayet XIV: 15-16; Mayet XVIII: 17; Mayet XXI: 18-19; Mayet XXX: 20; Mayet XXXIII: 21; Mayet XXXVII: 22-23; Mayet XLIII: 24; Ricci 1/158: 25; Ricci 1/165: 26; Ricci 2/196: 27; Ricci 2/279;28.

de um papel mais protagonista da cidade de *Olisipo* em épocas de cronologias mais baixas? Certamente que sim!

Por fim, as diacronias mais altas que apurámos – da segunda metade do séc. II a.C. – foram obtidas através dos perfis de bordos e bases de copos fusiformes da forma Mayet II, de produção itálica e, as mais baixas, da segunda metade do séc. I d.C. a finais da centúria, através dos perfis de um bordo e de uma base de taça Mayet XLIII, com produção nos fornos localizados na capital da *Lusitania*.

NOTAS

- 1 - A que corresponderam 219 desenhos.
- 2 - Considerámos como copos as formas Mayet II a IV, VIII, XII a XIV, XVI, XXIV e XXXVI.
- 3 - Estas taças poderão ser assimiláveis ao GRUPO VIII das pastas definidas para as cerâmicas de paredes finas da Alcáçova de Santarém.
- 4 - Ultimamente, 2018, foi defendida uma dissertação de mestrado sobre cerâmicas de paredes finas da cidade romana de *Bæsuris* à qual não tivemos acesso, motivo pelo qual não foi considerado no Quadro 3.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alarcão, J.; Carvalho, P.; Gonçalves, A. (2010) – Capítulo 4 – História das Escavações e da Interpretação do Monumento. In J. Alarcão, P. Carvalho, A. Gonçalves (eds.), *Castelo da Lousa-Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, p. 27-35.
- Arruda, A.; Sousa, E. (2003) – Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (1). Lisboa, p. 235-286.
- Colls, D.; Étienne, R.; Lequément, R.; Liou, B.; Mayet, F. (1977) – *L'Épave Port-Vendres II et le commerce de la Bétique a l'époque de Claude*. *Archaeonautica*, 1. Paris: CNRS.
- Faria, J. (2002) – *Alcácer do Sal ao tempo dos Romanos*. Lisboa.
- Fleming, S. (1999) – *Roman Glass. Reflections on cultural Change*. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology.
- López Mullor, A. (1990) – *Las cerámicas romanas de paredes finas en Cataluña*. Barcelona.
- Marabini Moevs, M. T. (1973) – *The Roman thin walled pottery from Cosa (1948-1954)*. *Memoirs of the American Academy in Rome*, XXXII. Roma.
- Martín Hernández, E.; Rodríguez Martín, G. (2008) – Paredes finas de Lusitania y del cuadrante noroccidental. In D. Bernal Casasola, A. Ribera i Lacomba (eds.), *Cerámicas hispanorromanas. Un estado de la cuestión*, RCRF, XXVI, p. 385-406.
- Mayet, F. (1975) – *Les céramiques à parois fines dans la Péninsule Ibérique*. P. C. P. P. (E. R. A. 522). Paris: Diffusion E. de Boccard.
- Mínguez Morales, J. (2016) – Producciones romanas de vasos para beber de «paredes finas» procedentes del área riojana en Aragón. In *De las ánforas al museo. Estudios dedicados a Miguel Beltrán Lloris*. Madrid, p. 631-651.
- Morais, R. (2005) – *Autarcia e comercio em Bracara Augusta no período Alto-Imperial, contributo para o estudo económico da cidade no período Alto-Imperial*. Barcelos: Universidade do Minho.
- Morais, R. (2010) – Cerâmica de paredes finas. In J. Alarcão, P. Carvalho, A. Gonçalves (eds), *Castelo de Lousa – Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002* (Studia Lusitana, 5). Mérida, p. 153-172.
- Nieto, J. (1986) – El pecio *Culip IV*: Observaciones sobre la organización de los talleres de *Terra sigillata* de La Graufesenque [avec une note de Maurice Picon: Analyses de céramiques de l'épave *Culip IV* et corrections d'altération], *Archaeonautica*, 6, Marseille, p. 81-119.
- Passelac, M. (1993) – Les céramiques à parois fines. In M. Py (ed.), *Dictionnaire des céramiques antiques en Méditerranée nord-occidentale*. Lattara, Lattes, 6, p. 511-521.
- Pimenta, J.; Sepúlveda, E.; Ferreira, M. (2015) – Acerca da Dinâmica Económica do Porto de *URBS IMPERATORIA SALACIA*, *Cira-Arqueologia*, IV, Vila Franca de Xira, p.151-170.
- Ricci A. (1985) – Ceramica a pareti sottili. In *Atlante delle forme ceramiche II - ceramica fine romana nel bacino mediterraneo (tardo ellenismo e primo impero)*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, p. 241-353, Tavolas LXXVIII-CLIX.
- Rodríguez Martín, G. (1996) – La cerámica de “Paredes finas” en los talleres emeritenses. *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XXXII, p. 139-179.
- Sepúlveda, E.; Sousa, É.; Faria, J.; Ferreira, M. (2003) – Cerâmicas romanas do lado ocidental do Castelo de Alcácer do Sal, 3: paredes finas, pasta depurada, engobe vermelho pompeiano e lucernas. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 6, n.º 2, Lisboa, p. 383-399.
- Sepúlveda, E.; Cardoso G.; Bolila, C.; Rodrigues, S.;

- Ribeiro, I. (2017) – Espólio de Cerâmicas Finas romanas e separadores dos fornos do Morraçal da Ajuda (Peniche, Portugal). In J. Arnaud, A. Martins (eds.), *Arqueologia em Portugal. 2017 – Estado da Questão*. II Congresso de Arqueologia da Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 1193-1204.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C. (2018) – Cerâmicas romanas de paredes finas e lucernas. In C. Tavares da Silva (coord.), *Caetobriga. O sítio arqueológico da Casa dos Mosaicos* (Setúbal Arqueológica 17). Setúbal: Associação de Municípios da Região de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, p. 119-142.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Beirão, C. M.; Ferrer Dias, L.; Coelho-Soares, A. (1980-81) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p.149-218.